

OFICINA DE ESCRITA

palavra ao sol

REGINA AZEVEDO (ORG.)

+ ANDRE AGUIAR + CELY PEREIRA + DAYANE ROCHA + FERNANDA CUNHA
+ GABRIELE COSTA + JEANE FIALHO + LAIZA MARINHO + LARISSA DIAS
+ LUCAS MICHELANI + MARIA LUÍSA MEDEIROS + MARIANA COSTA
+ SANDRA MARTINS + SÍLVIA B. + WESLEY MARQUES

palavra
ao sol

A oficina de escrita palavra ao sol

aconteceu no mês de abril de 2021, em plena pandemia do Coronavírus, e reuniu pessoas de diferentes lugares do país interessadas em partilhar e experimentar novas formas de escrita.

Provocados pelo mote “colocar a palavra para suar”, os participantes produziram textos a partir de diferentes proposições ao longo de seis encontros virtuais.

Na contramão do que o título sugere, os encontros foram realizados à noite. Embora o sol não tenha aparecido, e apesar de todas as dores inerentes ao momento político e sanitário que atravessamos, os encontros foram fonte de respiro, luz e esperança. Uma coisa é certa: o desafio e o delírio da linguagem nos iluminaram e instigaram.

Nesta publicação, reunimos alguns dos textos produzidos ao longo da oficina. Desejamos uma boa leitura!

REGINA AZEVEDO
POETA E OFICINEIRA

Andre
Aguiar

EU

*

Eu sou [REDACTED]
[REDACTED] concreto [REDACTED]
[REDACTED] asfalto [REDACTED]
[REDACTED] pedra [REDACTED]

Eu [REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED] passo
desloco [REDACTED]
[REDACTED] existo [REDACTED]
[REDACTED]

* POEMA ESCRITO A PARTIR DE RECORTES DE
"EU SOU ALGUÉM QUE PASSA", DE OLIVIA GUTIERREZ.

Eu sou [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] imagem [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] olhar [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] tempo [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED] é tão óbvio

[REDACTED]

Eu sou [REDACTED]

ANDRE AGUIAR É JORNALISTA,
PESQUISA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA E EDITA O
PROJETO MULTIMÍDIA LEITURAS.ORG.



Cely
Pereira

BEIRA *

que mulher [REDACTED]
[REDACTED]
me pergunto
[REDACTED]
[REDACTED] tem essa pele
desbotada
[REDACTED]
[REDACTED] cabelos armados
e perigosos
[REDACTED]
[REDACTED]
[REDACTED]
que mulher [REDACTED]
aos [REDACTED] olhos
de mulher
[REDACTED]
[REDACTED]

* POEMA ESCRITO A PARTIR DE RECORTES DE "BEIRA",
DE JARID ARRAES.

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

é meu tipo de ser

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

pergunto no espelho

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

que mulher sou eu

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

BIJUS

Impresso no lóbulo
de minha orelha esquerda
carrego cansaços como bijuterias.

Ainda é possível
usar brincos num território
entristecido,
se enfeitar de fadiga.

Ando com o cansaço
no pé do ouvido – um balangandã que pesa.

Os dias passam e eu uso a mesma biju:
de tanto molhar a cabeça,
o cansaço oxidou.

CELY PEREIRA NASCEU E VIVE EM SALVADOR/BA.
ARTESÃ DA PALAVRA, PROFESSORA E EDITORA DE TEXTOS, TEM
POEMAS PUBLICADOS EM REVISTAS ELETRÔNICAS. INTERESSA-SE
EM INVESTIGAR AS FRICÇÕES ENTRE CORPO E ESCRITA, BEM
COMO ENTRE POESIA E ARTE VISUAL. VÊ A PALAVRA COMO
ORGANISMO CORPÓREO.

Dayane
Rocha

SENTIR

Vivo cercada pela vontade. Vontade de ficar rica, viajar o mundo, conhecer lugares. Vontade de sair à praia, tomar sorvete, dar gargalhada. Vontade de ter super poderes, ser conhecida, salvar o mundo (ou pelo menos o Brasil desses monstros que sempre aparecem). Muitas vontades. Sempre que paro pra pensar, tenho uma nova vontade. Uma nova sede de aventura. Inclusive, agora, tô com vontade de voltar a ser criança, poder chorar sem ser julgada, correr e me sentir o Flash. Ser feliz. Tô com vontade de ser feliz. De fazer amizade sem burocracia. De não ter que pagar conta ou ter que dar satisfação. De sair pras compras e voltar com comida e com o troco. Vontade de me jogar num chão de graminha e observar o céu.

Às vezes ter vontade é um paradoxo pra mim, porque tem momentos que não sinto vontade de nada. E sinto saudades de sentir vontade. Hoje, por exemplo, tô com vontade de matar lentamente o presidente, mas também tô com vontade de ficar quietinha e, também, não tô com vontade de nada.



TREM *

██████████ acordarmos
██████████ meio vivos
████████████████████
é mais ou menos fácil
████████████████
████████████████████
████████████████████████
██████████████████████████
████████████████████████████
██████████ quando finalmente percebemos
████████████████████████████

* POEMA ESCRITO A PARTIR DE RECORTES DE "ESTAÇÃO DO TREM", DE MATILDE CAMPILHO.

████████████████████

a medida certa do amor
ajubilamos na gargalhada
que só pode ser

██

██

██

████████████████

████████████████████

■ quando tu só sabias contar
até 400.

DAYANE ROCHA É ESTUDANTE
DE LETRAS – PORTUGUÊS PELA UFRN, TEM 22 ANOS E É NASCIDA
E CRIADA NA CIDADE DO SOL: NATAL/RN.

Fernanda
Cunha

BELUGA

Hoje sonhei que montava no dorso de uma beluga. A senhora já viu uma beluga? É uma baleia que parece desenhada, que parece assim... um golfinho. Um golfinho que deram uma marretada na cabeça e aí inchou. Mas é um bicho de aparência simpática. Acho que um dos bichos mais simpáticos da natureza. A beluga. O nome também é bom: be-lu-ga. Eu montava no dorso dela e... e a gente ia bem pro fundo do mar, só que o fundo do mar também era como o céu, era o céu na verdade. Eu não sei como é o universo, já vi uma foto na verdade, quando eu estudava ainda na escola, e o universo parecia todo preto e roxo e o fundo do mar era assim. E eu ficava com medo porque aquilo era imenso, né? E escuro também.

Mas aí nessa imensidão eu me senti pequeno, pequeno assim, de tamanho normal, sabe? E eu esticava os braços e ainda era pequeno. E eu endireitava a coluna e também continuava pequeno. Porque o universo é bem grande e não tinha cadeira de ônibus apertando meu joelho, nem gente fazendo piada de como tá o tempo aí em cima. Nem tinha piada na verdade, porque o universo é uma imensidão de nada e de tudo. Me desculpe, eu fugi um pouco do tema. Mas era bom não tentar me apequenar pra ficar na média. Era boa essa sensação de estar no meio da vida e ser do tamanho certo. E tinha a beluga também, né? Acho que se fosse outra baleia eu não teria me sentido bem assim. Perto de uma baleia um ser humano fica pequeno, mesmo eu que por aqui sou grande. Não que eu tenha visto uma baleia de perto, mas eu penso que se elas moram no mar, elas podem se estender. Outro dia li uma notícia, na verdade eu não li não, só me contaram, foi alguém perto do circo. Na verdade, a pessoa tava contando pra outra pessoa e eu ouvi. Ela dizia que existia no mar uma baleia enorme, que era sozinha, porque falava, mugia, não sei o som que as baleias fazem, não sei dar nome a esse som, enfim, ela fazia um som no mar que nenhuma outra baleia escutava, porque era numa frequência própria.

Uma baleia imensa, sozinha, que faz um som que ninguém escuta. É triste, né? Porque as outras baleias veem ela, porque ela é uma baleia imensa, dizem. Eu acho que ela chora, mas no mar ninguém vê lágrimas, e também ninguém escuta o choro dela, porque é numa frequência inaudível pras outras baleias. Não é como se ela falasse outro idioma, porque se fosse outro idioma as outras baleias só não entenderiam, sabe? É mais, é como se ela não existisse, como se fosse um amontoado de pedra que chora e se move sem ninguém saber como ou porquê. Eu queria montar um circo dentro dessa baleia, queria que ela engolisse o circo nanquim, aí a gente ia fazer show todo dia dentro dela, e de alguma forma eu seria sua companhia nesse silêncio tão particular. Às vezes eu me sinto assim, como essa baleia, eu digo. Mas também não sei, porque não a conheço, só ouvi alguém falando dela. Ser palhaço é como ser uma baleia solitária que canta numa frequência que ninguém quer ouvir. Me veem, riem de mim e ninguém consegue ouvir eu dizer “socoouoorro, socioouoorro, eu eu me sinto só”. Talvez a baleia me escutasse. “Preciso de companhiiiiiiiia” e ela diria “eu tambééém”. Juntos viveríamos no mar e de vez em quando eu poderia fazer uma graça, para ela rir.

E ela poderia me dizer “não precisa se ocupar em me fazer feliz, sua companhia me basta”. E eu seria pequeno e ela seria minha ilha, meu circo, minha casa. Eu criaria galinhas no estômago da baleia. Não sei se baleias comem galinhas. Mas eu cuidaria muito bem da minha baleia, para que ela não sentisse fome, nem medo, nem se sentisse sozinha, porque estaríamos juntos, eu e ela. E o mar é infinito, mas seria do tamanho exato da nossa casa.

FERNANDA CUNHA É DRAMATURGA, ATRIZ, CRIADORA DO PODCAST “ROUBARAM MEU NOME”. HÁ SEMPRE ALGUMA COISA AUSENTE QUE LHE ATORMENTA, MAS DE VEZENQUANDO ELA ESQUECE DISSO OLHANDO O CÉU ÀS CINCO E QUINZE DA TARDE.

Gabriele
Costa

PESAR

o peso de ser gente dói nas costas
dói o preço do gás e dói o preço do pão

de janelas abertas
o que se vê lá fora é um varal de gente
retorcida
que um dia foi muito e hoje é nada
gente que se foi porque faltou o ar
e o gás
e o pão
e também o Senhor Presidente

e eu estou tão cansada
mas pouco importa a distopia corrente
ainda tenho que arranjar tempo
– tic-tac –
pra catar o feijão
fazer malabares
ler o Manifesto Comunista
e escrever uns versos em 30 minutos...
(sem nunca esquecer, é claro, que sou proletária tia mãe
irmã amante amiga)
a gramática do sofrimento psíquico
te apetece, Senhor Presidente?

“óh, sim, e eu estou tão cansada”
mas não pra dizer,
Senhor presidente,
que me dói
aqui
dentro da carne, sabe?
o preço do gás e o preço do pão
e como diz a canção:
“vou cobrar com juro, juro”

BEIJO *

beijo.
a saliva pelo meio
a língua
um mar tão revoltado
tempo de salinhado
como se fosse vento...
eu,
entreabrindo-te as pernas
a boca faminta
sorve o desejo nela
beijo.

* POEMA ESCRITO A PARTIR DE RECORTES DE
"JOELHO", DE MARIA TERESA HORTA.

GABRIELE COSTA É CIENTISTA SOCIAL,
NASCEU NO ANO DE 1995, EM SANTO ANDRÉ/SP, MAS SE CRIOU E
FOI CRIADA EM PEDRO VELHO, INTERIOR DO RIO GRANDE DO
NORTE. FAZ PESQUISA SOBRE O CORPO GORDO E, DE VEZ EM
QUANDO, BORDA UNS VERSOS AQUI E ALI.

Jeane
Fialho

OS DILEMAS DE ETEVALDO

Etevaldo era Vereador na cidade de Vila das Amarguras. Era um homem alto, esguio, de bigode e aparência desleixada, mesmo quando estava de terno e gravata nas sessões da Câmara Municipal. Eleito pela quinta vez, seu maior medo era o de voltar a ser pobre. Era capaz de tudo para não voltar à sua vida anterior, contanto moedas para comer. Seu maior prazer era a dose de uísque doze anos com gelo, que tomava todas as noites ao chegar a sua bela casa no centro da pequena cidade.

Ficou indignado quando recebeu um mandado do juiz, determinando que fosse fazer terapia.

Ajeitou-se na cadeira diante da terapeuta se sentindo desconfortável. Passou a mão no cabelo ensebado de gel e disse: *Não estou aqui porque quis. Eu sei*, disse Regina, a terapeuta. *Não se preocupe. Tente ficar confortável. Sei que não é fácil fazer isso. Você veio aqui por ordem judicial para fazer terapia de controle da raiva por ter agredido um guarda de trânsito. Me conte o que houve.*

Vou logo dizendo que não quero falar de mim, não. Eu sou um cara bom e muito ocupado, viu? Não tinha um psicólogo homem, não? Nada contra a senhora.

O guarda era meu amigo de infância, a gente jogava bola no campinho. Dei um soco nele porque veio me perguntar quem eu sou, se eu lembrava de onde eu vim. Quem eu sou? Eu sou uma pessoa que lutou pra sair da pobreza. Salvar o mundo? O país? A cidade? Claro que não vou fazer isso. Não posso lutar contra o sistema. Eu sou mais um no meio de tantos. Que se dane! Tem que ter um pouco pra mim. Não vou voltar pra miséria, não poder comprar um tênis ou um sorvete, não, isso nunca! Eu quero é mais, porque eu mereço. Família? Que família? Meu pai era um bêbado, foi embora para São Paulo. Minha mãe já se foi. Eu quero tudo o que eu não tive direito até hoje. Hoje eu tenho dinheiro e quero continuar tendo, entendeu? Deu uma risada e passou a mão na boca.

Esse negócio de direitos para os pobres é balela. Olhou para uma garrafa de água, desabotoou a manga da camisa e disse: Posso? A senhora teria uísque? Preciso de uísque. Só durmo quando tomo uísque.

Como eu disse, não tem essa, não. A política é uma vaca gorda e eu quero a minha teta. Quero um cargo mais alto, Senador ou até Presidente. Quem sabe? O sistema tem que girar, não estou nem aí. Não há tempo a perder, sacou? Estalou os dedos e continuou: Dona Regina, a senhora escreva aí que foi coisa pouca, nada demais. Eu tenho uma conduta impecável!

Calma, seu Etevaldo, retrucou Regina. Teremos muitas sessões para nos conhecermos e o senhor vai poder falar mais. Percebeu que sua camisa está vestida ao avesso?

Saiu apressadamente do consultório, muito irritado por não ter conseguido o laudo que o liberaria da terapia. Pensava não precisar mais passar por aquilo.

Era só o que faltava ter que ficar indo nessa terapia... Respirou fundo e balançou a cabeça enquanto dirigia sua picape para chegar à entrega de uma ambulância no Posto de Saúde de Vila das Amarguras.

No caminho, freou bruscamente quando viu quem saía do Mercadinho de seu Malaquias: Carmem Letícia, a que foi embora estudar em Alameda das Almas Perdidas e não

aceitou seu pedido de casamento. Ele ainda não era Vereador. Tinha certeza de que ela não quis se casar com ele porque era pobre. *Ah, dane-se! Ela foi quem perdeu.*

Amava Carmem Leticia. Nunca fora capaz de se entregar a um amor como aquele que viveu aos dezessete anos.

Arrumou a camisa e o bigode, penteou o cabelo ainda úmido de gel e chegou ao Posto de Saúde. De longe, viu a ambulância com a frase: “Adquirida com recursos próprios”. Riu para si mesmo. *Recursos próprios! Quem acredita nisso? O povo é besta mesmo!*

Não via a hora de acabar esse evento cheio de populares, o administrador do Posto e alguns políticos e chegar logo em casa, tomar seu uísque e enfim esquecer esse dia. *Não vou voltar para essa terapia nem a pau! Não vou falar de mim pra ninguém. Ainda mais pra uma mulher.*

Em casa, a visão da terapeuta martelou sua cabeça, de quando ela notou sua camisa ao avesso. *Ô mulherzinha metida! Vou ter que me arrumar melhor agora? Será possível?*

Foi ao guarda-roupas olhar suas camisas. Achou-as feias. Ficou com vergonha. Se olhou no espelho, não gostou do bigode, não gostou do cabelo. Se achou velho.

Tomou um longo gole de uísque e resolveu que ia comprar camisas novas para ir à terapeuta. *Claro, vou com-*

prar roupas e sapatos novos. Eu posso, eu mereço! Quem sabe Dona Regina não me libera logo dessa droga de terapia? Pegou o telefone e ligou para Anacleto, seu assessor: É isso mesmo que você ouviu, criatura! Amanhã você vai comigo ao shopping comprar roupas novas!

Desligou e decidiu que isso seria bom. Até Carmem Letícia poderia notá-lo se ele mudasse o visual. *Esquece Carmem Letícia, homem!* Pensou em raspar o bigode. Esse bigode que era sua marca registrada há anos. *Não, o bigode não! Assim já é demais. O povo vai falar!*

Sentiu-se aliviado com aquela decisão. Iria mudar, mas nem tanto. *Eu sou o que sou! Nunca mais serei pobre outra vez,* disse a si mesmo. *Aquela terapeuta duma figa não vai me pegar de surpresa outra vez. Ah, não vai não!*

Pegou um caderno e começou a anotar ideias para a próxima consulta. *Etevaldo, Etevaldo, se vai fazer isso, faça direito!*

QUERERES

Eu queria...

Cair no mundo só de mochila

Viajar de avião

Beber cerveja ou vinho em grupo

Fazer uma tatuagem

Todo mundo tomar vacina

Não trabalhar

Comer camarão

Passar no doutorado

Estar numa casa de frente para o mar

Sentar na areia

Jogar a roupa suja no lixo

Dormir e acordar sem COVID.

Eu queria ter amigos de verdade

Dançar música latina tomando vinho

Que minha filha pudesse ir à escola

sem medo de ficar doente

Apagar certas coisas que eu disse
Dizer coisas que eu deixei de dizer.
Eu queria...
Que o presidente caísse
Ter dinheiro na minha conta
Ir no Alecrim comprar besteira
Ir num salão arrumar meu cabelo
Escrever um livro
Comprar muitos livros
Não me preocupar com o que pensam de mim.
Eu queria não pensar em nada
Que tudo voltasse àquele normal que a gente tinha
Eu queria muito
Eu queria tudo.

JEANE FIALHO CANUTO NASCEU EM CAMPINA GRANDE/PB.
POSSUI GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA E
BACHARELADO (UFRN), GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA (UNINTER) E
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS (UFRN).

Laiza
Marinho

BORDA

Estou tão cansada
Mas não para dizer
Cansada cansada cansada

Eu insisto na palavra
Porque eu sei que ela faz borda
Delimita um espaço
Que dentro cabe até o vazio

Estou tão cansada
E não é fácil de dizer
Que talvez tenha andado em dobro
Subi morro
Quase morro
Por confundir desejo por querer

Estou tão cansada
Mas não para agarrar na borda
É o tal ato de viver

IR ODETE

Pela janela do ônibus, Odete, a freira aventureira, via tudo passar. Era um borrão de verde, marrom, amarelo, azul, branco, as cores da natureza. Esses borrões eram cenários para da sua imaginação pipocar pensamentos. Saltava futuro, saltava encontro, saltava possibilidade, saltava desejo. Lembrou então da última sessão de terapia.

Tive um sonho muito bonito: sonhei com Deus. Que poderoso, nunca tinha sonhado com Deus antes. Ele estava fazendo doce de leite, lá na casa da roça. Era o mesmo fogão a lenha, o mesmo tacho de cobre e Deus mexia, mexia, mexia com toda paciência de si e vez ou outra olhava para mim, sem dizer nada, só olhava.

O que Deus pensava?

Não sei. Como vou saber o que Deus pensa?

...

Aquele olhar Dele me dizia alguma coisa. Talvez quisesse me dizer: “vai em paz, Odete, deixa que eu mexo aqui para você”.

Foi então que Odete viu que era hora de partir. Ela viu uma imagem nítida na sua cabeça do seu interior de terra, da estrada que dá para o horizonte e o horizonte que dá para Deus. Percebeu que o chão onde pisa é importante, o solo que sustenta os pés tem que impulsioná-los para a vida e ali a vida estava só em pensamentos, em imaginação, em sonhos quando mexia seu doce de leite. Será que por isso explicava seu gosto pelo doce?

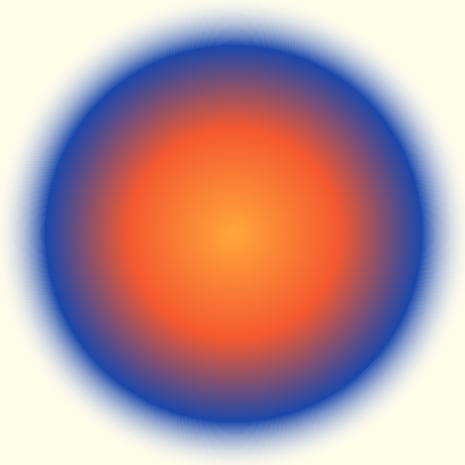
Foi conversar com sua superiora, que pediu para conversar com o padre, que pediu para conversar com sua superiora de novo, e enfim decidiram que ela podia continuar freira, mas no seu lugar de origem. Odete levava a vida sagrada por dentro, Odete sagrava a vida não importava o lugar.

Quando foi comprar as passagens, no dia mesmo de partir, o moço no guichê disse que não havia mais passagens para aquele lugar naquele dia. A freira se assustou, parece que de repente se lembrou que seu interior não era só seu, que a estrada é para muitos partirem e muitos chegarem. Nisso, um senhor, que parecia ouvir a conversa, disse que queria vender sua passagem. Era para o mesmo destino de Odete, era para a mesma origem.

O ônibus corria, parecia que o motorista tinha pressa. Odete quase se preocupou, mas preferiu pensar que além de pressa ele tinha experiência. Quando estava quase adormecendo, pousava a cabeça no vidro da janela, o sacolejar do ônibus a fazia recuar. As batidinhas da sua cabeça na janela, nos seus ouvidos, eram estrondos. Odete não conseguia se controlar, sorria. Até que o estrondo foi maior, não só para seus ouvidos, mas para o de todos. Em sua mente, vieram as palavras de Deus:

– “Vai em paz, Odete, deixa que eu mexo aqui para você”.

LAIZA MARINHO TEM 29 ANOS, NASCEU NO SUL DE MINAS GERAIS E HOJE VIVE EM CURITIBA. É PSICÓLOGA (COM PERCURSO EM PSICANÁLISE) E FOTÓGRAFA, ENTRELAÇA ESTUDOS SOBRE A FOTOGRAFIA E A PALAVRA, DANDO ÊNFASE NA IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM ESCRITA NO UNIVERSO DAS IMAGENS. TAMBÉM SE DEDICA A ESCREVER TEXTOS E POEMAS QUE FALAM SOBRE O VIVER COTIDIANO, A DOR E O ESPERANÇAR.



Larissa
Dias

AH! BRUTA FLOR DO QUERER
AH! BRUTA FLOR, BRUTA FLOR
CAETANO VELOSO

Cena 1

Bar. Sentar com os amigos
Estar meio embriagada
E, portanto, sorrir
Fumar um cigarro. Careta
Beijá-la.

Cena 2

Casa. Sentir o cheiro da
chuva molhando o chão.
Folhas caindo. Raios. Trovões. Lama.
Café quente. Ela. Cachorros e gatos.
e árvores e flores.
Mais cabras, macacos e onças
cantando ao fundo.

Cena 3

Sala de aula. Barulhos, burburinhos

“se eu fosse eu, parece representar nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido”

Hoje, veremos Clarice Lispector.

Pausa para o café. Risos.

Teses e dissertações e artigos.

Um porta-retrato estampando paz
substantivo feminino.

Cena 4

Cama. Que chegasse. Petiscos de camarão e lagosta.

Vinho rose. *Je t'aime.*

Quand je t'aime entre suas pernas

Calor. Suor.

O sal da tua pele e o gosto da tua boca.

Jouir. Plaisenter. Rire. Profiter de amuser.

Cena 5

Acabar este texto.

SEM BLACKOUT

Branco. Uma claridade avassaladora invadia o quarto claro e simples, dando uma dimensão dura às coisas. Lençóis cinzas. Pequenos raios de sol que passavam por entre as cortinas claras, sem blackout. Pareciam levar com eles os *flashes* descontínuos do pesadelo que a despertara. Olhou para os pés. Quatro. Alívio. Suspiro.

Três minutos para às 6h. Desligou o despertador calmamente. Levantou como quem carrega um fardo, no entanto, estava ereta. Àquela hora da manhã, sua postura parecia a de uma aspirante a modelo que empilha livros sob a cabeça. Riu. Talvez tivesse sido modelo se na sua época já existisse movimentos como *body positive*. Sentia-se bonita, porém, cansada e triste. Tudo bem, as modelos pareciam sempre meio tristes, menos Sílvia. É claro. Limpou os pensamentos supérfluos da mente. Acordar não significava despertar, pensava. Despertar era outra coisa.

Sentia que despertava aos poucos. Como o Brasil. Poderia usar esse raciocínio no próximo discurso. Google agenda. *Live* do partido às 8h, reunião com assessores às 10h, cúpula feminista às 11h. Algum tempo de trânsito. 1h30min de almoço, talvez com Sílvia? Às 14h, Tereza para aonde considerou não ir. Via o corpo refletido no espelho. Cheio. Era uma pele queimada, mãos já rugosas, rosto firme. Rigorosa e séria. Rigorosa e séria e triste. Não é disso que a política precisa?

7:05 - Arthur Trindade

Isadora, bom dia. Pesquisa teu nome em qualquer site de notícia.

7:07 - Arthur Trindade

Como você está?

7:10 - Arthur Trindade

Me responde, por favor. Quer cancelar a agenda? A *live* do partido cancelada. Talvez seja melhor não vir para o gabinete hoje...

07:20 - Isadora Freitas

Estou a caminho do gabinete...

– Boa tarde, Isadora. Sente-se, fique à vontade. – Isadora encarou por um segundo Tereza. Ficou pensando em como sua psicóloga tinha uma aparência séria, porém, maleável. Se deu conta que estava um pouco cansada disso nela (para ser sincera). E se chocou com esse pensamento. Talvez, fosse um pouco de inveja. Queria ser mais maleável. Era dura sempre e agora, parecia que se quebraria inteira.

– Boa tarde, Tereza...

– Fico feliz de você ter podido vir hoje, recebi a mensagem de Arthur mais cedo, falando que talvez você se prolongasse num compromisso. Que bom que não adiou ou faltou o seu compromisso com você mesma.

– Para ser sincera, eu estou cansada... Pulei a última análise porque cansei do meu inconsciente. Cansei de tanta coisa, Tereza. De falar... dos discursos... Juro, acho que cansei um pouco de você... Mas, eu... eu precisava estar aqui hoje. Já viu as notícias?

– Estar cansada é antes de tudo estar. O estar é o que nos situa no mundo, é o que nos humaniza. Sim, eu vi o jornal, quer falar sobre isso?

– Tive um sonho ruim, mas não lembro direito. Passo a noite toda sonhando com o que oculto de dia...

– E para você que oculta tanto as coisas, como é estar estampadas nos jornais?

– Eu sou uma figura pública, Tereza. Aspirante a honesta... Minha vida é lida no portal da transparência... Como é possível esconder tanto?

– Eu que pergunto, o que você precisa esconder tanto? – Isadora baixou os olhos, mas, na verdade, quis revirá-los, como se ela não soubesse. Encarou o teto. Respirou fundo e relaxou um pouco, podia não ser tão ereta ali. Estava praticamente deitada... Não sabia o que responder e o silêncio que ecoava na sala a insultava profundamente, até mais que as palavras nas notícias... Não sabia responder aquilo. Talvez porque metia um par de chifres no marido... no marido que não tenho mais.

– ... Hoje, eu escutei que eu era considerada a senadora mais rigorosa da casa e, no entanto, descobriu-se que eu sou só uma “senadora”. Ele usou aspas, acredita??? Aquilo me revirou o estômago... Entrei no banheiro...

– Te incomoda ser só uma “senadora”? – Isadora se revirava, não sabia porquê. De relance viu que Tereza repetia o gesto das aspas feito pelo líder do partido com a mãos... Quis sumir. Quis bater em Tereza com suas mãos rugosas. Quis gritar que ela não estava pagando para rece-

ber aqueles desaforos... Respirou um pouco, sentiu-se bem por estar deitada. Lembrou que mais cedo teria deitado no banheiro...

– Gosto de observar banheiros, sabe... Entrar num banheiro é como entrar num santuário pessoal de corpos nus, pastas de dentes e remédios tarja preta....

– É possível te conhecer melhor pelo banheiro? O que aconteceu lá?

– Lá? Não... O banheiro do gabinete diz mais sobre o partido do que sobre mim... Não deixo nada ali... Talvez por isso a recorrente infecção urinária... enfim. Eu só... eu só me curvei... há tantos anos ereta, metódica, séria. Há tantos anos Rivotril. Você... e... eu. Lá, eu só tirei a máscara. Olhei meu rosto. Cansado. Meus cabelos grisalhos, poderiam ser mais longos, não acha? Claro... se eu tivesse mais tempo. Enfim, lá... no banheiro, eu... eu só coloquei minhas mãos já rugosas sobre o tronco... me curvei. Lembrei que tinha fome, ali dobrada. Fiquei pensando no sonho da noite anterior...

– Pensou o quê?

– Não pensei muito... Logo bateram na porta, me reergui. Ereta, como sempre... Organizei um bibelô de uma anjinha que estava desalinhado com a sua companheira... uma an-

jinha que estava desalinhado com a sua companheira... uma anjinha menor... com cabelos curtos ruivos e de corpinho redondo... Não ornam com a mesa de mármore... Coloquei a máscara e saí.

– Esses bibelôs falam de você e da Sílvia? Quem das duas não está ornando? – Isadora nunca tinha pensado nisso. Apesar de toda a confusão, da separação por baixo dos panos para não gerar burburinhos e atrapalhar a candidatura ao senado, o sumiço do seu marido, ex-marido, com a desculpa do pós-doutorado na Alemanha. De todo o cuidado para não serem vistas juntas, nunca pensou que ela e Sílvia estavam desalinhadas. Ao contrário, quando via os pés finos de modelo de Sílvia na cama despertava da sua tristeza matinal. De fato, os pés pareciam alinhados. Tudo na casa delas... casa delas... engraçado... era alinhado. Nada tinha mármore. Pensou que ela não se alinhava mesmo era com os mármorees do gabinete. Nem com o partido que a convidara para se desligar.

– Uns filhos da puta. Desgraçados... Desculpe, Tereza. Enfim... acho que pareço aquele bibelô do banheiro do gabinete, desalinhada... não orno com o mármore e nem com os estofados de veludo vermelho. Tereza, eu sempre

fui rigorosamente metódica, no entanto, eu me vi traindo meu maravilhoso marido – riu um pouco dando uma ênfase debochada à palavra “maravilhoso”, suspirou depois um tanto cansada – com uma modelo quinze anos mais nova que eu. Me apaixonando por ela. Me separando por baixo dos panos. Tendo minha vida na mão de um homem chifrado... eu acho um pouco engraçado dizer isso... traído é mais eloquente, não é? Ainda sou eloquente, mas não represento mais a felicidade intrínseca e descarada dos políticos... Talvez por isso o partido, aquela gente com mente aberta, convidou educadamente para me desligar...

– Não se desculpe. Vamos ficar por aqui? Pense nessas últimas palavras que você trouxe. Onde você perdeu a felicidade descarada dos políticos?

PARAENSE NASCIDA NO TOCANTINS, VIVENDO NO RIO GRANDE DO NORTE, **LARISSA DIAS** É PROFESSORA E MESTRANDA EM ESTUDOS DA LINGUAGEM PELA UFRN. PESQUISA SOBRE LITERATURA E LESBIANIDADES. TAMBÉM É LEITORA E GOSTA DE ESCREVER COMO QUEM TRANSITA ENTRE FRONTEIRAS.

Lucas
Michelani



fico pela cidade
é como dizer:
fuligem em meus pulmões
como dizer:
pedaço de
nenhuma flor vai nascer
do asfalto:
vai passar um
carro
e não vou saber o que
é
o que é
um sinal abrir meu corpo e
nascer fechado

* POEMA ESCRITO A PARTIR DE RECORTES DE "FICO PELA CIDADE", DE SIMONE BRANTES.

DA SEÇÃO DE PSICANÁLISE DE MADRE ROSELANE

... *Bueno, mira, mi vontade* é de esganá-la! Não se pode levar a palavra sagrada ao pé da letra assim, *Dios mio!* As pessoas necessitam de interpretação de texto. A Bíblia nada mais é do que nossa tábua rasa. É a partir dela que tudo se ergue, se constrói, em comunidade, entende? É a comunidade que está no seio da Igreja Católica. E a madre não consegue ver isso. Pra ela, a igreja é o “reduto de Deus na terra. Imaculado, benfazejo. E a palavra de Deus na Bíblia é soberana”. Ah, por favor! Não estamos mais no século XVIII! Por isso mesmo já fui passando logo a responsabilidade da unção dos enfermos. Que é pra ver como Deus escreve no corpo e como fala pela boca do povo.

Deus é a comunidade! A palavra de Deus é a palavra da comunidade! Não se pode levar as palavras a sério, a seco. A palavra é unguento, é saliva pra vida desse povo. A palavra é e não está. Entende? E se a madre soubesse interpretar, ia ver tudo lá. João, 13:22. *Por dios que rabia!* A madre não me lê João e quer que eu leve João até a boca dela?

Ahora, não estou dizendo que eu tenha ficado tão descontrolada como daquela última vez, *no no no. Estoy trabajando*, melhorando minha didática, minha paciência. É que a madre me tira do sério, francamente. Na semana passada até levei ela pra ver o futebol dos meninos. Falar com *los chicos* que eles sim sabem a palavra de Deus. Falei pra ela: escuta, madre, escuta porque Deus está no povo, é a favor do povo. E a igreja está a favor do povo, é serva do povo. (E aqui entre *nosotros*, do que tenho ouvido lá no mosteiro de San Pablo, *solamente* o povo que nos salva viu). *Ahora*, a madre foi, conversou com *los chicos*, eles convidaram ela para a *pelota*. Ela negou. Olhou pra mim. Encorajei, fiz assim ó: vai, vai. Ela olhou pros *chicos*. Foi. E foi bonito de ver como Deus nos coloca umas imagens que parece emolduram nas retinas, sabe? A madre lá tomando olé dos *chicos*. Bonito de ver!

Daí no final, madre suando nos hábitos, me contou que quando criança não gostava de igreja não. Gostava era do coroinha. E de ajudar a vender pastel na quermesse. Que era de família a receita do pastel da quermesse. Ela adorava acordar cedo no domingo, vestir o avental, encher o tacho de óleo, afinar a massa no rolo, pressionar com o garfo as bordas do pastel recheado. Toda a família ajudava. Pai, mãe, tio, primo, vô e vó. Antes de abrir as festividades, o padre passava aspergindo água benta nas barracas, foi quando uma gota caiu bem aqui, no meio da testa. E ela disse que a partir daí começou a ver a igreja diferente. Gostava das rezas, dos cantos, das procissões, entendia a homilia. Largou o coroinha, foi virar freira. Aí apiedei. Falei pra ela que a palavra de Deus é uma grande quermesse. Todos os dias, em todos os lugares. E todos nós, freiras e comunidade, podemos aspergir e aspergimos essa água benzida, uns nos outros. Um escambo, um grande festejo de permutas cheirando a pastel. (E entre *nosotros*, é dessa forma que consigo aqueles vinhos do Sr. Ramirez que comentei da última vez. Pelo escambo, sabe? Quem dizia isso era Marx. Tá lá, naquele outro livrão que parece bíblia, que pra mim também é bíblia. Mas isso, claro, não contei para a madre).

E por um instante, achei mesmo que a madre havia entendido o que eu tinha falado. Mas aí veio com o papinho que soube que o Sr. Ramirez tava entregando um valor menor nos dízimos, e que o dízimo era importante, que é o dinheiro que também sustenta a igreja, e que tá na bíblia, e não me gostava da unção dos enfermos. Aí emputeci. *Señor Dios mio me de la paciencia y la didactica*, é o que eu sempre digo. Não é fácil, mas *estoy trabajando, estoy trabajando...*

LUCAS MICHELANI É PRODUTOR CULTURAL E POETA, NASCIDO EM AMERICANA/SP. É UM DOS GESTORES DO FEVERESTIVAL – FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE CAMPINAS. PUBLICOU AINDA ALGO ANTES DE DEITAR, SEU PRIMEIRO LIVRO DE POEMAS, EM 2020, CONTEMPLADO PELO PROAC EDITAIS.

Maria Luísa
Medeiros

Sim, eu estou tão cansada, mas não para dizer que vou desistir. Mesmo não sendo obrigada a ficar, reconheço os meus limites e posso dizer que ficarei um pouco mais. Serei um pouco mais. Apesar da minha respiração mais cansada, da dor no peito que não sei se é falta de ar ou taquicardia. Fico porque espero mesmo que os dias estejam sendo difíceis até para os “não-sonhadores”. Sim, eu estou tão cansada, mas não para largar a minha ânsia de viver. Essa vontade de experimentar tudo que é conhecido e desconhecido. Com gente ou sem gente. Chorando ou rindo. Essa vontade que desperta em mim tanta sede e tanta fome, a ponto de me confundir sobre o que começa no espiritual e o que termina no físico. Dizem que viver o presente é viver saudades futuras. Pois eu digo: eu estou tão cansada, mas não para dizer que abro mão de minhas saudades. Não abro mão do meu passado, do meu presente e muito menos do meu futuro.

Respiro.

As mãos gelam, o coração grita e os cachorros latem. Um encontro de gatos livres desperta sensações nos cachorros trancados. Olho para o céu estrelado com a lua brilhante e abaixo a cabeça sorrindo. “Amo tudo que existe” e me reconheço nessa liberdade. Espero.

A minha vontade agora é que você saia da UTI.

A minha vontade agora é que você melhore e fique bem.

A minha vontade agora é entrar no hospital que nem Sandro entrou atrás de Betina mesmo sabendo que isso é estúpido.

A minha vontade agora é que você melhore porque algumas coisas perdem sentido na sua ausência. Na real, não perdem o sentido, mas fazem menos sentido.

A minha vontade agora é que você melhore e tenha um telefone em mãos para ver Giuk vivo!

A minha vontade agora é encostar em seu ombro, trocarmos carinho de dedo e ouvir suas reclamações.

A minha vontade agora é que você melhore porque eu preciso lhe dizer tudo o que eu não disse no seu aniversário e como é especial pra mim, saber que o mundo parece que planejou o nosso encontro fazendo a gente nascer tão pertinho.

A minha vontade agora é que você melhore e tenho tanto medo disso tudo que choro toda vez que olho pra Sibirina e a chamo de “Pilantrinha”.

A minha vontade agora é arengar com você por qualquer motivo.

A minha vontade agora é poder te dizer que você é uma das pessoas mais fortes que eu conheço. Que é inteligente, que é lindo, que é um ótimo dançarino.

A minha vontade agora é te dizer o quanto te admiro e me inspiro em você e como sou sortuda por te ter tão pertinho de mim.

A minha vontade agora é te dizer que Ana saiu do coma, reclamar de como achei a cena sem graça e me admirar por você saber da cena de cor mesmo a novela tendo passado há 10 anos.

A minha vontade agora é te dizer que Arlindo chegou e nós nos emocionarmos juntos.

A minha vontade agora é ver um corredor cheio de enfermeiros cantando “Indestrutível” enquanto você sai do hospital.

A sua melhora é a minha vontade agora.

MARIA LUÍSA MEDEIROS DE MACÊDO É POETA,
NASCEU EM 2000, EM NATAL/RN. ESCREVE SOBRE O QUE SENTE E
É NA ESCRITA QUE ENCONTRA SUA CURA.

Mariana
Costa

O que eu queria mesmo é não ter medo. Queria sair na rua sem máscara, beber cerveja gelada no Beco da Lama e higienizar a latinha com a pontinha da blusa. Minha vontade era de voltar ao passado e sentar no bar do Alex, sentar na mesa do canto para não ficar de frente pra avenida São Carlos, vontade de pedir a saideira e ficar mais umas três horas. Queria ver o jogo do Palmeiras – e nem sou Palmeirense.

Estou com urgências de viver, mas também eu tô com muita raiva. Minha vontade era queimar o Planalto. Eu queria que ele não existisse. Eu tô com vontade de vacina. Eu tenho urgência de palavras, eu queria gritar e que me ouvissem.

Eu dormi à tarde e acordei num susto, acordei com vontade de uma comida que ainda não existe, que ainda não tem nome. Sonhei com aquele dia na episcopal que te beijei no rosto e me despedi, mas eu queria mesmo ter dito: fica. Eu quero descer a rua e ir pro bar latino da esquina. Minha vontade era tomar Império e comer empanadas. Dançar com pessoas desconhecidas e voltar pra casa à francesa. *Qué ganas. Tengo muchas ganas.*

Tô com vontade de coisas que eu nem achava que gostava. Chega a ser engraçado que quando penso em vontades eu lembro do passado. Acho que o que quero mesmo já aconteceu. É que eu tô com vício é no passado. Eu não estou com vontades, eu estou com saudades.

SUSPIRO

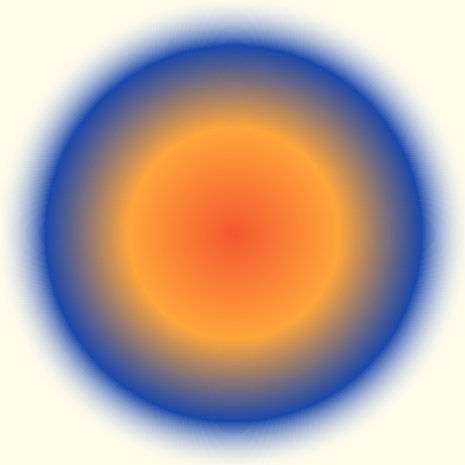
Sim, eu estou tão cansada
mas não pra dizer
Basta!
Basta do obscurantismo
Dessas ideias malucas de dizer que a terra é plana
Estou tão cansada dos que negam as evidências
Dos que negam a ciência
Dos que provam com convicções

Eu queria dizer que estou tão cansada
Mas ainda não vou embora
Que eu vou lutar
E que eu resisto
Pois eu existo

Eu queria rasgar a minha roupa inteira
de tanta raiva
e de tesão
Gritar os meus silêncios quase mudos
E todas as minhas obsessões

Mas eu estou tão cansada
que eu desisto.

MARIANA COSTA É BIÓLOGA METIDA A ESCRITORA,
MULHER NORDESTINA E BALZAQUIANA. NATALENSE QUE MOROU NO
INTERIOR, NA ARGENTINA E EM SÃO PAULO, MAS SEMPRE
DESAGUA NO MAR. AFOITA, AFLITA E AFOBADA. MOVIDA À
CAFEÍNA E CERVEJA GELADA.



Sandra
Martins

A DORMÊNCIA DEBAIXO DO BRAÇO *

O frio é [REDACTED]
[REDACTED] meias, até luvas, mas não [REDACTED]
[REDACTED] rosto.
Ele precisa se dar [REDACTED]
[REDACTED] precisa
do tempo,
uma mulher
é obrigada [REDACTED]
a mais
pra ocultar

* POEMA ESCRITO A PARTIR DE RECORTES DE
"A DORMÊNCIA DEBAIXO DO BRAÇO", DE MARIA ISABEL
IORIO.

Eu estou cansada
De não poder abraçar
De não poder apertar a mão
De não poder chegar perto de quem eu gosto
(e até de quem eu não gosto também)
De não poder encostar a cabeça no ombro de uma pessoa
amiga

Eu estou cansada
Das minhas crises de ansiedade
De sentir o peito
Apertado
So fucking tired of feeling exhausted

Eu gostaria de sentir o ar livre
E não me sentir cansada
Disso
Exaurida

SANDRA MARTINS, DE NATAL/RN, É PROFESSORA E JORNALISTA.
NASCEU EM 1977. NÃO É ESCRITORA E NEM POETA.

Sílvia B.

DAS INTEMPÉRIES

Sou um metamorfo do horizonte trêmulo
Tento mastigar o vento para me nutrir de brisas
Mas as entranhas do real estão desérticas
Os cães emborcam as vasilhas vazias
e riem do velho moletom suado ao meio-dia

Não há trégua no sinal de calamidade
nem forças num corpo demolido
nem ar ao afundar nessa secura.

Mas há a incessante procela da fantasia.

É nesses devaneios que reencontro
eu
e o afogo da tempestade.

FRESCOR
INFLAMÁVEL
AO REVER O
IMPREVISTO

Da ferocidade à nudez
da selvageria à resignação
da teimosia ao adestramento
a folha exige a transpiração.

Eis o estrondo!
A marcha prudente de corcéis frementes
guiada pelo negro cão andaluz.
Clamor assisado
Navalha afiada
O lápis está em punho.

Risca. Apaga. Arrisca. Paga.

Tisca. Traga. Cisca. Divaga.

Deliciosamente azedo

é o cheiro da última flor do Lácio.

Interrogamos incessantemente

e repetimos invariavelmente

esse gesto habitual

sempre inaugural.

Escrever

é sentir a melodia da frase

o que pode cantar a palavra

até a morte.

a dela ou a minha?

SÍLVIA BARBALHO BRITO (OU SÍLVIA B. OU @SILVIABBRITO)
NASCEU EM 1986, EM NATAL/RN, ONDE VIVE. É PESQUISADORA E
PROFESSORA DE LITERATURA. TAMBÉM ATUA COMO REVISORA E
TRADUTORA DE TEXTOS. NESSA RELAÇÃO COM A LEITURA E A
ESCRITA, SE ENTENDEU POETA. ESCREVE DESDE 2016, COM
POEMAS PUBLICADOS EM ZINES, REVISTAS E ANTOLOGIAS.

Wesley
Marques

As minhas vontades são ingênuas demais para estarem no papel; e muito egoístas também. Por que a minha vontade é de amor, e sei que algumas pessoas querem matar umas as outras.

[...]

A minha vontade é de que a terra deixe de sofrer com o efeito da gravidade, para poder viver em paz (e despenque no olho do cu de Deus – perdão, Senhor).

Abel de Jesus é um dos políticos mais populares do país. Desde sua primeira campanha ele se comprometeu com a verdade, disse que seria como todos os outros, corruptos, mas sem omitir isso do povo.

Ele é um dos mais votados em repetidos mandatos, porque o povo também se comprometeu com a verdade. Abel se apresenta sempre feliz, diz que sua vida é assim, só felicidade. Ele tem corpo avantajado e usa sempre ternos muito caros, daquelas grifes com modelos magérrimas e sérias. Usa relógios comprados em dólares no exterior e sapatos de couro com estampa de cobra. Tem uma coleção de cobras diferentes.

Na sua sessão de número 717 na terapia, ele aproveita o espaço sigiloso para destrinchar seus anseios, confiante no compromisso ético da psicóloga, que até juiz tem dificuldade de trazer à luz. Entra no consultório e segue direto para o divã, suspira e pensa sobre como se sente mais confortável deitado ali do que na sua própria cama; e começa antes mesmo da psicóloga expressar qualquer palavra.

– Estou cansado de me perguntarem o porquê dos meus sapatos de cobra. Os jornalistas escrevem que é a minha mensagem inconsciente para o povo. Eu não entendo, doutora, o povo me ama! E eu uso porque é chique e poderoso. Eu sou um homem de poder. Os extremistas parecem pulgas que tentam atravessar meus sapatos de cobra – rir. Eu entrei na política consciente de que preciso treinar a minha capacidade de suporta-los, eu num já aprendi aqui que não há como existir no mundo sem dor, essa gente é a minha dor, a pobreza foi a minha dor. E inclusive, estou aqui para isso, para alongar bem muito essa minha capacidade. A minha vontade de dividir o Brasil pulsa mais do que o amor pela minha esposa. E você entende, né? Dividir em pessoas como eu, contra pessoas que se dizem honestas e roubam no escuro. O trabalhador sabe que quem paga meus sapatos são eles, e eles são felizes, porque afinal, tem um trabalho né?! Tenho certeza de que sou da remessa de seres humanos mais evoluídos, e como Deus é bom, doutora, tenho ensinado a verdade para outros futuros candidatos.

A psicóloga pede para ele falar mais sobre as cobras.

Abel de Jesus tem planos de refazer toda classe política do país e expulsar os não adeptos, seja por discursos de bom entendedor ou fazendo-os peneira pra bicho que come carne. Sonha com um Brasil colorido; verde, azul e amarelo, e está determinado a pintar e bordar a sua missão.

WESLEY MARQUES É POETA E PSICÓLOGO. NASCEU NO ANO 1993, NA CIDADE DO SOL - NATAL. ESCRIVE DESDE OS 15 ANOS, QUANDO OLHOU PARA DENTRO DE SI E SE PERDEU. DESDE ENTÃO, É PELA PALAVRA E PELA POÉTICA DA VIDA QUE TEM BUSCADO TRADUZIR-SE SOBRE AS FOLHAS EM BRANCO.

palavra
ao sol

2021

REGINA AZEVEDO
OFICINA E ORGANIZAÇÃO

ANDRE AGUIAR
DIAGRAMAÇÃO

ELIZIANE ATALIBA
SÍLVIA B.
REVISÃO

ANDRE AGUIAR
CELY PEREIRA
DAYANE ROCHA
FERNANDA CUNHA
GABRIELE COSTA
JEANE FIALHO
LAIZA MARINHO
LARISSA DIAS
LUCAS MICHELANI
MARIA LUÍSA MEDEIROS
MARIANA COSTA
SANDRA MARTINS
SÍLVIA B.
WESLEY MARQUES
AUTORIA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO



**RIO GRANDE
DO NORTE**
GOVERNO DO ESTADO